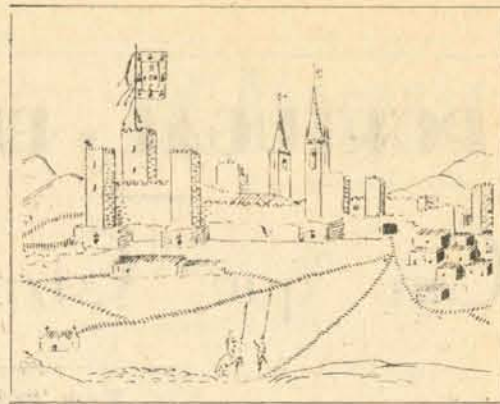


# Correio de Nisa

Jornal de Informação e Cultura

Director — ABEL MONTEIRO

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: RUA DOS COMBATENTES DA 2.ª GUERRA, N.º 1-B-1.º	Editor — ANTONIO CARMONA RIBEIRO PRÓPRIEDADE DA DIRECÇÃO	COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO: OPINIAS GRÁFICAS DA TIPOGRAFIA NISENSE
--	---	---



## EM FRENTE!

Dessorado, hoje como ontem, o sangue duma ténue individualidade social de nossos pequenos meios, onde teimosamente proliferam os tumores de prosaicas vaidades que cheiram a caruncho, o que vimos em Campo Maior quase mais parece a figuração dum milagre de gente impar que, num amplexo de generalizada e fraterna solidariedade, se fez ouvir e notar do norte ao sul do País.

Ali fontes, como muitos, no vislumbre dum motivo de beleza multiforme que sabíamos encontrar, para regalo dos sentidos e íntimo alimento do espírito, sobremaneira atuado dum amorfismo quotidiano, duplamente negativo e embrutecedor. Fomos e valeu a pena! Mal afeída a grandeza do espectáculo que nos esperava, calcuámos, como basbaques, o labirinto das suas ruas engalanadas, perdemos-nos por recantos que mãos subtis haviam transformado em minúsculos jardins de rosas de papel e por pátios de casas dos senhores das terras, transitóriamente arvorados em museus-miniaturas de alfaias agrícolas e objectos de uso comum. Aqui, era uma transplantação da brancura tradicional algarvia, num prolongamento, quase natural, dum sem número de amendoeiras em flor!

Ali, um emaranhado de glicínias, tão artificialmente reproduzidas, que, por pouco, não constituíam um ponto de tangência entre as duas esferas do real e do fictício! Mais além, uma latada, a perder de vista, dum verde sadio e de ubérrimos frutos, a sugerir uma paisagem ribatejana ou minhota, na luz difusa do entardecer.

E mais uma e outra e outra ainda — sessenta e duas ao todo —, as ruas que vestiram o seu traço de cerimónia, para me receber, para te receber, forasteiro, que vieste de perto ou de muito longe.

E voltámos, como tu e como todos, possuídos da força emotiva que se desprende das coisas belas, enquanto a memória, em exercícios de sistemática retenção, catalogava, horas a fio, o que mais vivamente nos impressionara, de molde a evitar que a rasoira do tempo produzisse, prematuramente, os seus danos em espólio de tanta valia.

Lá ainda, em Campo Maior, ouvimos dados estatísticos que mais pareciam, à primeira vista, um produto de imaginação excessivamente bairrista!

Um milhão e duzentas mil horas de trabalho... quatro mil contos o

cômputo da despesa, se, para além do custo do papel gasto nas ornamentações, houvesse que se pagar a generosa contribuição dum Povo que, durante meses consecutivos, fazendo serões até horas altas (duas e três da manhã, por vezes), se subtraiu a um justo e necessário canso, só para ver projectada ao plano nacional e internacional, o nome da sua Terra!

Reconsiderámos, fizemos cálculos e concluímos, que se não pecara por exagero.

E agora, que nos demos conta desta breve divagação, que ela seja a modesta homenagem do forasteiro que visitou Campo Maior e que recebeu, profundamente, a lição da sua grande virilidade social, o exemplo singular de quanto pode fazer o Povo, quando verdadeiramente assim o deseja e quer... E, neste capítulo, « porque não dizê-lo, abertamente? », regressámos também com o nosso amor próprio ofendido, como se a grandeza dos outros mais aviltasse a dimensão da nossa pequenez.

Com efeito, uma grande vila alentejana vestiu-se de flores, rebuscando apenas, nas energias da sua gente, a força de ânimo suficiente para operar o milagre do seu vestir!

Ao invés, outras grandes vilas do Alentejo estiolam, aquecendo-se a uma réstea de sol, como os lagartos que estão prestes a hibernar, se veem mais dois dedos de frio! E porquê esta hipertrofia?

Porquê este marasmo doentio, pouco menos que reduzindo ao zero a tabela numérica das potencialidades, seja ela para florir, uma vez por ano, as nossas ruas, ou para levantar os alicerces de outras coisas quejandas?

Não temos, por acaso, o mesmo Povo generoso, à nossa volta, capaz de se transcender e multiplicar, sempre que toca o clarim — a unir fileiras? —

Ou não haverá, por aí, uma elite, que, possuída da mais elementar cultura musical, saiba e queira tocar o clarim?

J. C.

## NA SENDA DA VICTÓRIA

De longada pelas boas terras de Portugal, os Ranchos de Nisa continuam a alcançar os melhores triunfos. Isto conforta, isto dignifica Nisa e, como tal, merece protecção. Foram a Castanheira de Pera

(Continua na página 4)

## Construção das muralhas de Castelo Branco e Nisa

Felo Dr. João Gouveia Tello Gonçalves

(Continuação do número anterior)

### DOCUMENTOS

#### 1.º Documento

Sabham quantos este estromento virem que perante Stevam dominguiz e Joham migeez Juizes geraes de Tomar En presença de mym Ayres perez Tabelliom de nosso Senhor el-Rey na dita vila e as testemunhas soescritas Lourenço steves procurador geeral do Concelho de Tomar mostrou e por mym Tabelliom leer fez hun carta de nosso Senhor o Meestre e seelada do seu seelo verdadeyro da qual o teor tal e Dom ffrey Stevam gonçalvis pela graça de Deus meestre da Cavalaria da Ordem de Jhesu Christo a vos alcayde e juizes e vereadores e Concelho de Tomar ssaude bem Sabedes em commo vos mandamos nossa carta per meestre vaasco e per francisco dominguez vossos vezinhos da ajuda que avendes fazer pera sse cercarem as villas de Castel branco e de Nisa que he grande sserveyo de deus e del-Rey e prol do Reino de sse cercarem E nos veendo e conssyderando todo esto per mandado de nosso Senhor El Rey Conssiramós e mandamos per nossa carta commo sobre esto fezessedes o que nos entendemos que sse pode fazer amays nosso proveyto e por commo volo mandamos fazer que vos tolhyamos ende grandes encargos que vos ende rrecregeriam sse sse doutra guisa ffezesse E asy o ffalamos todo com ffrancisco dominguiz e com meestre vaasco que nos ssobre ysto envyastes que o ffalasse connosco E que outrossy dissennos que o perguntassem a El Rey E pera sserdes ende mays certos de como nos mandara que ssobre esto ffezemos e elles disserom que non queriam Esso meesmo ffalamos ora com Joham lourenço vosso vezinho pera sayrdes desta duvyda que o perguntassem a El Rey E ora vos sobre esto enviastenos vossa Resposta a qual a nos ssemelha que non he boa nem comprides por hy bem o que El Rey e nos mandamos ffazer nem catades bem os encargos que por hy tolhyamos pera fazerdes commo Nós mandamos] por mandado e conssintimento de Nosso Senhor El-Rey Por que nós mandamos que logo vista esta car a ssem outra deteeçam nenhum veiaes a carta que nos sobre isto mandamos e a cumprades en todo e commo en ella he contéudo sso pena dos Corpos e dos averes E non sseia nenhum que

o contradiga nem vaa contra ello e que aqueles que o contradizerem ou contra ello forem mandamos a vos Juizes e ao nosso alcayde que os prendades E os tenhades bem prezos e bem guardados e os non ssoltedes ata que sobre esto veiaes nosso Recado e envyademos dizer quaes som os que contra ello vao E mandamos aos Tabellioes dessa vila que de commo en esto comprides mandado del-Rey e nosso que assy o escrivam en sseus Registos sso a dicta pena ca todo esto ffazemos per mandado de nosso sseñhor el-Rey e pera serveyo de deus e prol nossa e da nossa ordem e vossa unde al non façades Data en Stremhos doys dias de Janeiro O meestre o mandou afonso perez a ffez Era de mill e trezentos e oytenta e huu anos Aqual carta carta Leuda o dicto Lourenço stevez procurador do Concelho pedyo aos dictos juizes que de sa autoridade mandassem a mym Tabelliom que lhy desse o teor della com meu signal E os dictos Juizes de ssa autoridade ordinhayra mandaram a mym Tabelliom que lha desse ffeita em Tomar no alpendre da egreja de San Johanne vinte dias de ffevereiro Era de mill e trezentos e oytenta e huu annos testemunhas Viçente paiz Stevam Paes Miguel ffernandiz Gil martinz Joham martinz Tabellioes Lourenço anes vogado Miguel martinz Joham lourenço vereadores ffernando affonso e outros E eu Ayres perez Tabellion ia dicto que a mandado e per autoridade ordinhayra dos dictos Juizes e a petiçon do dicto procurador do Concelho este teor desta carta escrevy e el este meu signal hy pusy em testemunho de verdade.

(In Torre do Tombo — Convento de Tomar, Cx. 1, M-1, doc. 9 b).

(Continua no próximo número)

## Actividade Musical

Para abrilhantar as notáveis festas de Campo Maior, esteve naquela Terra a Banda Municipal de Nisa, que ali deixou a melhor impressão.

Também na Amieira do Tejo colaborou recentemente nas festas religiosas, sempre com brilho.

Congratulamo-nos com estes sucessos, pois a Banda é elemento de muito apreço na valorização e progresso da nossa Vila.

## 12 Notas sobre a Murmuração e a Calúnia

Pelo Dr. Cruz Malpique

1 - Quando queremos ser desagradáveis a alguém, murmuramos, a seu respeito, os boatos mais incríveis. Se fossem bons — talvez não acreditassem. Sendo maus, são aceites sem reserva.

O caso é velho, e não ha volta a dar-lhe. A famosa pintora Isabel Vigée — Lebrum (1755-1842) vivia rodeada de um grupo de selectos amigos, e, sob a influencia de certos versos lidos recentemente, resolveu uma noite dar-lhes uma ceia à grega. Arranjou umas quantas peças arqueológicas para a emergência, vestiu-se cada qual com uma indumentária que mais se aproximasse da ateniense, fizeram-se uns petiscos à maneira grega, comeu-se um pastel de uvas de Corinto e bebeu-se uma garrafa de velho vinho de Chipre. A própria filha da artista assistiu. Pois não tardou que os murmuradores de carreira propalasses que o banquete custara vinte mil francos, logo levantados para o dobro. Pois dizia a artista nas suas «Memórias» que a frugalíssima ceia custou cento e cinquenta francos.

Chegou a Revolução. Logo os que queriam mal à artista, referindo-se àquela e outras festas do mesmo teor com que ela costumava obsequiar os seus amigos, diziam que a pintora dava em sua casa «repugnantes bacanais».

De um argueiro fizeram os murmuradores de profissão um cavaleiro. Está certo. Diz com a psicologia específica desses tratantes.

Se os murmuradores adregassem de dizer que o Café tal ou tal servia aos fregueses o leite que a pintora utilizava para tomar banho, podemos ficar certos de que as duas calúnias pegariam de raíz: o Café perderia a freguesia e Vigée — Lebrum tinha orgias por fora, como tivera bacanais de Chipre por dentro e outras coisas más em espanhol e em português.

A Don Antonio Cánovas del Castillo preguntava uma senhora se haveria processo de evitarnos a calúnia vinda doutros contra nós: — Hay uno muy sencillo. Hacer lo que dicen que hacenos.

De facto, quando fazemos de verdade o que dizem que fazemos de mentira, já não nos caluniam... porque acertaram...

Os caluniadores alimentam-se da mentira.

(Continua na página 4)

Este número foi visado pela Censura



## PORTUGAL - BRASIL

### Em que Cismavas?

Por Júlio Dinis

Hoje, quando te vi, estavas cismando;  
em que cismavas tu, virgem formosa,  
desmaiadas as faces cor-de-rosa,  
e o seio, o gentil seio, inquieto arfando?

Em que cismavas tu? De quando em quando,  
elevavas ao céu, triste, saudosa,  
a vista amortecida, lacrimosa,  
para a baixar depois em gesto brando.

No chão jaziam murchas, desfolhadas,  
as rosas que ainda ha pouco te toucavam,  
agora já por ti abandonadas.

Os últimos clarões do sol douravam  
as tuas belas tranças desatadas;  
diz, que íntimos anelos te turbavam?

\*\*\*\*\*

### Conhece este trecho?

Voltou ao coberto a tempo que um viandante ia passando sobre a sua possante mula. Envolvia-se o cavaleiro num amplo capote à moda espanhola, sem embargo da calma que fazia. Viam-se-lhe as botas de coiro cru, com esporas amarelas afiveladas, e o chapéu derribado sobre os olhos.

— Ora viva! — disse o passageiro.

— Viva! — respondeu mestre João, relanceando os olhos pelas quatro patas da mula, a ver se tinha obra com que entreter o espírito — A mula é de rópia e chibança!

— Não é má. Vocemecê é que é o senhor João da Cruz?

— Para o servir.

— Venho aqui pagar-lhe uma dívida.

— A mim? O senhor não me deve nada, que eu saiba.

— Não sou eu que devo; é meu pai, ele foi, que me encarregou de lhe pagar.

— E quem é seu pai?

— Meu pai era um recoveiro de Carção, chamado Bento Machado.

Proferida metade destas palavras, o cavaleiro afastou rapidamente as bandas do capote e desfechou um bacamarte no peito do ferrador. O ferido recuou exclamando:

— Matarame!... Mariana, não te vejo mais!...

O assassino teria dado cinquenta passos a todo o galope da espanhola mula, quando João da Cruz, debruçado sobre o banco arranca-

va o último suspiro com a cara posta no chão, donde apontara ao peito do almocreve dez anos antes.

E o seu autor?

Nasceu em Lisboa, no ano de 1826, aquele que foi o introdutor do romance passional da nossa literatura. Orfão de pais desde a infância, foi levado para Trás-os-Montes onde teve por primeiro mestre um médico local, marido de uma sua irmã.

Frequentou, com muita irregularidade, no Porto e em Coimbra, a Academia Politécnica e a Escola Médica.

De volta ao Porto, uma intriga amorosa levou-o aos cárceres do Tribunal da Relação, onde permaneceu um ano, e durante o qual escreveu o seu primeiro romance.

Em 1862, cumprida a pena, retirou-se da cidade e foi viver para São Miguel de Seide, no Minho. Aí continuou a escrever, entregando livros após livros aos editores (eleva-se a 262 o número das suas obras), para assim prover à sua subsistência.

Mas, o profundo abatimento moral causado pelos desgostos de uma vida de luta, e a cegueira que irremediavelmente o atacou, levaram-no à morte que a si próprio se deu no dia 1 de Junho de 1890.

E assim se extinguiu um dos nossos mais operosos e versáteis e geniais escritores cuja obra se reveste de uma líndima linguagem, bem portuguesa e bem clássica.

( Solução na 4.ª página )

**HOSPITAL DA MISERICÓRDIA DE NISA**  
CONSULTA DE OTORRINOLARINGOLOGIA

( Ouvidos, nariz e garganta )

Todas as 2.ªs e 4.ªs Quartas-feiras de cada mês, às 9,30 horas

**Pelo: Dr. José Joaquim Afonso**  
de CASTELO BRANCO

## Estilo Pombalino

Do Prof. REYNALDO DOS SANTOS

De « Notícias Literárias » transcrevemos, com a vênia devida, o que se segue, para no próximo número lhe fazermos alguns comentários.

A arquitectura do século XVIII, depois do Terramoto de 1755, sofreu uma evolução, sobretudo em Lisboa, determinada pela sua reconstrução. Uma nova geração de engenheiros-arquitectos criou um estilo urbanista a que, pela personalidade que dominou a época, se tem chamado, com justiça, estilo pombalino.

Matos Sequeira reivindicava para Manuel da Maia engenheiro-mor do reino, a glória de ter concebido o plano de reedificação de Lisboa, após o Terramoto; glória que, em geral, se atribui a Eugénio dos Santos. De facto, a pequena plaqueta de 1910 de Cristóvão Aires — cujo conhecimento devo ao dr. José Augusto França com a publicação inédita das memórias de Manuel da Maia, de Dezembro de 1755 a Março de 1756, esclarece a sua capital intervenção na concepção e directivas gerais da reedificação da cidade. Mas é ele que entrega, a par de outros documentos e plantas, a sugestão de Eugénio dos Santos de dar mais nobreza ao edificio do Terreiro do Paço, com seus pórticos e mezzaninos, dois pavimentos de janelas rasgadas e mezzaninos junto aos telhados. Em aditamento, junta a planta de Eugénio dos Santos, na qual a cor amarela mostra o que se fará de novo e a vermelha o que se conserva do antigo. Manuel da Maia invocava o que se fez na renovação das cidades de Londres e Turim, embora ele próprio não as pudesse ter estudado.

(Continua na página 3)

### ARRENDAM-SE

2 tapadas situadas no sítio de Nossa Senhora da Graça.

Dirijam-se a:

**Carlos Justino de Sousa — NISA**

"O Correio de Nisa" vende-se na Tip. Nisense

Foi da Casa do Risco, centro dos projectos de reedificação da cidade, a que presidiu Eugénio dos Santos de Carvalho, capitão-engenheiro, ajudante de Manuel da Maia, primeiro arquitecto das Obras Públicas, que saiu a plêiade de mestres que fizeram ressurgir da capital arruinada uma nova Lisboa que, particularmente na Baixa, ganhou um aspecto moderno.

Segundo Cirilo Volkmar (*Memórias*), Eugénio dos Santos criou na Casa do Risco uma verdadeira escola de arquitectura, citando entre as mais importantes obras realizadas: o Arsenal da Marinha, a Praça do Comércio, a Alfândega, o prospecto da cidade, o Coleginho da Graça o Convento da Conceição da Luz. Pertencia à Irmandade de São Lucas desde 1746. Falleceu em 1760. Cirilo que é um dos seus biógrafos recomendado por Sousa Viterbo, conta que à Casa do Risco pertenceram, além de Eugénio dos Santos, o tenente-coronel Carlos Mardel, capitão Elias Sebastião Pope, capitão António Carlos Andreis — um dos principais ajudantes de Eugénio dos Santos — José Carlos da Silva, etc. Porém, a obra-prima da reconstrução de Lisboa foi a Praça do Comércio, a que ainda hoje se chama Terreiro do Paço. De facto, já não é ali o Paço, mas só as secretarias de Estado, instaladas nos andares nobres sobre a série de arcadas cuja repetição não criou monotonia, mas ritmo. A concepção arquitectónica que inspirou

(Continua na página 3)

## UMA CARTA

SR. DR.

V. Ex.ª deve lembrar-se de mim, certamente, embora ha já bastantes anos tivesse deixado Nisa. V. Ex.ª chamava-me, com muito agrado meu, « O António Vieira », por uma vez ter respondido que o grande orador sagrado é que tinha escrito a « Crónica do Condestabre ». Por vezes, os meus colegas não resolviam os duros problemas de Sintaxe que V. Ex.ª nos apresentava; e então era eu que em geral lhes dava a solução. O último recurso era este: « Diga lá o « António Vieira ». E o « António Vieira » quase sempre resolvia bem. Recordo com saudades estes bons tempos. Assim, parece-me que aproveitei o suficiente para um pedido que vou formular.

Ha dias, pessoa das minhas relações mostrou-me o último número do « CORREIO DE NISA », o que motivou para mim uma grande e agradabilíssima surpresa. Logo me surgiu o desejo de colaboração modesta, mas correcta e sincera.

Dentro dum critério muito de aplaudir e de grande prevenção V. Ex.ª é que solicita colaboradores. Parece-me ser esta, a única interpretação a dar ao que se encontra impresso no cabeçalho da quarta página. Salvo erro, deve tratar-se de uma oração passiva, com o respectivo determinativo oculto. E ao leitor é que fica o encargo de o tornar claro. Isto estará certo? Se estiver, provo que ainda não esqueci o que V. Ex.ª me ensinou. Logo, venho « pedir » que me « convide ».

Como as minhas actividades me levam a quatro viagens mensais, entre Santarém e o Entroncamento e vice-versa, poderia concorrer para o Jornal da Terra com umas modestas crónicas, caso V. Ex.ª o autorize. Usaria do pseudónimo « António Vieira », como lembrança de tempos passados.

Quer a decisão seja "pro" ou "contra", peço que me considere desde já assinante do Jornal, símbolo de progresso para a linda Nisa, que eu nunca esqueço.

Com muita consideração me subscrevo, antigo aluno:

ANTÓNIO VIEIRA

NOTA DA REDACÇÃO — Fica convidado. Mande crónicas, « Sr. António Vieira ». Sabemos quem é, muito o lembramos e muito agradecemos. Certamente tudo virá em bom português. Registrada a assinatura. Os jornais seguem imediatamente. Está deferida a solicitação. \*\*\*\*\*

### DE CAPA E BATINA

De José Joaquim Pinto — o Pinto Lambaça — conta-se que, sendo discípulo do Doutor Sanches da Gama, na Cadeira de Direito Civil, ele o chamara à lição, que versava sobre caça e direito do caçador ao animal ferido, formulando o professor a hipótese de o Pinto atirar a um coelho, feri-lo e este ir cair, morto, dentro do prédio vizinho, ou seja uma tapada.

— De quem era o coelho? — perguntou o lente.

José Joaquim Pinto não sabia o

(Continua na página 3)

Na  
**Tipografia Nisense**  
aceitam-se  
anúncios  
para o

**Correio de Nisa**

**QUEM CANTA**

Quem inventou a partida não sabia o que era amar; quem parte, parte sem vida, quem fica, fica a chorar.



## NOITE DE TEATRO

Que interesse despertaria em milhares de telespectadores uma peça de teatro que fosse a cópia fiel do bocejo com que diariamente despedimos a monotonia atrabiliária do nosso viver?

É evidente que se deve evitar o excesso oposto de desfigurar totalmente a realidade, negando a qualquer possibilidade de a encontrar, mesmo fortuitamente, nas páginas terrivelmente tetricas dos nossos jornais diários.

Mas a quem, após a leitura da notícia de um desastre de viação, ocorre a lembrança de que uma entre tantas vítimas, poderá deixar um testamento de conteúdo diabólico? E contudo o dramaturgo arrancou precisamente deste facto comezinho para se elevar a uma visão crítica da sociedade, ou mais estritamente, da família, felizmente sem aquela feição policial e algo sinistra dos filmes de série, que de modo algum se coaduna com o nosso carácter, tão modestamente pacato que nem para isso dá...

Mas fãmos dizendo que o autor extraiu dum possível e natural testamento uma gam mo tivação bastante para desbobinar perante os telespectadores o viver (ou o «não viver») familiar de um homem de negócios cujo dinamismo se traduzia no quase maníaco desejo de tudo racionalizar, sistematizar, simplificar.

E com efeito tinha simplificado a tal ponto as suas relações com a mulher e os filhos que os legou em testamento... a um amigo!

Reside exactamente aqui o cerne do argumento. Na verdade, Hipólito, assim se chamava o amigo contemplado, não precisava de dinheiro: tinha-o em abundância e lutava (impedindo a racionalização) para não ter mais. Mas o mal-fadado testamento, facultando-lhe o que não tinha (mulher e filhos) quase o constringia a uma recusa.

Das disposições testamentárias nasce motivo para uma entrevista com a viúva, durante a qual Hipólito «ousa» propor-lhe casamento. A proposta, evidentemente, não é aceite. É mesmo repelida com veemência.

Hipólito regressa, exteriormente satisfeito e intimamente em conflito, ao conchego da sua velha e cómoda poltrona, ao silêncio do-

cemente celibatário da sua saleta, ao morno aroma do chá de camomila, recusando a condição de pai de família, cheia de angústias.

Mas esse limiar de nova vida que o testamento lhe franqueia é mais forte, é mesmo irresistível. Então Hipólito, acompanhado do seu novo-velho mordomo em pijama e «coco» na cabeça, dirige-se a casa da viúva, já conhecedora das cláusulas compulsórias, sob pretexto de temer que esta, num acto tresloucado, ponha termo à existência.

A luta aí dialogada é trágica apesar de apresentada com um sorriso à flor dos lábios. De um lado o homem, imperioso, adornando os seus ditames com laivos de prepotência masculina (Gisela, venha beijar-me!); do outro a mulher para quem o casamento sempre fora a libertação quer perante o defunto marido (os homens são todos uns estúpidos, todos!), quer perante os filhos, e que jogava na cartada da submissão insubmissa para se garantir, afinal, um viver sem rumo.

Mas o homem, enérgico até à violência—desnecessária...—, impõe um novo teor de vida, talha a mulher que vai ser sua como antes cerceara nos futuros enteados alguns excessos de linguagem e gestos menos próprios, agora tanto em voga...

Ficavam por cumprir dez anos... Mas terminava ali o preâmbulo, propiciativo de fatos momentos de boa disposição.

A interpretação de Hipólito, a cargo de Paulo Renato, situa-se no plano a que o artista nos habituou. Ana Paula (Gisela) movimentava-se demasiado e a despropósito, e na cena final faltou-lhe equilíbrio. Rui de Carvalho (Guy) interpreta um papel bastante ingrato. Os anjos não gargalham mefistofelicamente, sorriem... E não necessitava de binocular entaticamente para «televisionar» a mulher a passear no quarto como pantera. Enfim, neste capítulo, talvez só Eurídice lhe pudesse ministrar seguras instruções sobre o desempenho do personagem...

Os restantes em plano de agrado.

Lisboa, Setembro de 1965

A. C.

### CASAMENTOS

- Joaquim Maria Semedo Gran- chinho com Ana da Cruz Lou- ro Marques.
- João Maria Semedo Cartaxo com Maria do Rosário Dinis Paulo.
- José Fernando Veloso Ferreira com Maria da Graça Zacarias Reizinho.
- José da Silva Mendes Porto com Maria do Rosário Maia.
- João da Cruz Carita Nunes com Maria Antónia da Graça Zacarias.
- José Maria Serralha Temudo com Ana de Lourdes Porto Carita Temudo.
- José da Conceição Raposo Alves com Lília Semedo Pereira.

### OBRAS

#### Ferrovíarias

Na estação de Vale do Peso encontra-se já construída uma plataforma central, entre as duas linhas, trabalho digno dos nossos aplausos, pois vem resolver um problema que ha muitos anos esperava solução.

Principalmente de inverno e de noite, a saída do público para a gare única era, em certas circunstâncias, difícil e perigosa.

Só falta agora a iluminação eléctrica, terminando-se com aquela obscuridade, imprópria dos nossos tempos. De igual modo a saída da estação também necessita que lhe acudam.

E agora que se está com a mão na massa...

## SONETO

(À saudosa memória de meus pais e irmãos)

Uma a uma se foram, silenciosas,  
As doces ilusões da mocidade,  
Como espirais de fumo caprichosas,  
Sumindo-se no azul da imensidade.

No meu jardim já não florescem rosas,  
Nem no meu peito os sonhos de outra idade.  
Onde existiam fontes rumorosas,  
Paira a tristeza agora, a soledade.

Forçado a caminhar, eu sigo avante,  
Com fim ignoto, ainda, talvez, distante,  
E vou subindo exausto, acabrunhado,

Da montanha da Vida o trilho duro,  
Rogando a Deus que no eternal Futuro,  
Me conceda um lugar ao vosso lado.

F. Bagulho

## De Capa e Batina

(Continuação da página 2)

que havia de responder. Seria o coelho dele, caçador? Seria do proprietário do prédio onde o animal levou o tiro? Seria do dono da propriedade murada, onde foi morrer? «That is the question»... E, para não dar resposta errada, saiu-se com esta:

— Perdão!... Eu não posso admitir a hipótese de V. Ex.<sup>a</sup>.

— Ora essa! Porquê?!...

— Porque coelho que eu atirasse era, fatalmente, coelho morto, logo, ali.

— Está muito bem! — assentiu o professor, sorrindo, paciente. — mas, por hipótese, tudo se admite. Suponha o senhor que o coelho ficava apenas ferido e que ia cair dentro do prédio murado: era seu, ou do dono do campo onde levou o tiro, ou do proprietário do prédio onde morreu?

— Eu já disse a V. Ex.<sup>a</sup> — replicou Pinto Lambaça, com a pronúncia acentuadamente beiroa — que não podia admitir tal hipótese.

— Mas, porquê?!

— Porque eu fazia ao coelho um «cerco», na devida forma, com os cães, colocava-me em sítio donde

não pudesse errar o coelho, e tiro que eu dê é tiro infalível. Portanto não posso aceitar a hipótese de V. Ex.<sup>a</sup>: o coelho caía-me logo ali; não podia ir morrer dentro do prédio murado.

— Ó, senhor... exclamou o Doutor Sanches da Gama, já zangado.

— Mas suponha, por hipótese, que, apesar de tudo isso, apesar de tal cerco, o coelho lhe escapava!...

— Um «cerco» feito por mim!...

Ai! Ele é o escapas!... — respondeu Pinto Lambaça, com encolher de ombros desdenhoso e voltando-se, com olhos de piedade daquela ignorância venatória do lente, para o curso, que ria a bandeiras despregadas.

— Está bem... — Voltou o Doutor Sanches, já conformado. — Mas suponha o senhor que o caçador era eu.

— Ah!... então, neste caso, quem tem de resolver o problema é V. Ex.<sup>a</sup>.

(Dr. António Cabral — «Tempos de Coimbra» —).

## ESTILO POMBALINO

(Continuação da página 2)

essa bela harmonia de proporções e linhas reflectia a dignidade e um pouco a austeridade da disciplina pombalina. E essa foi a essência do novo estilo, que uma cor discreta e a doçura das águas e dos céus tornaram luminosa e risonda. Talvez essa encantadora sala de recepção da cidade, como tantas vezes se lhe tem chamado, merecesse outro destino que não fosse o de povoar as suas arcadas com os interessados na burocracia do Estado... Quando se pensa que noutras praças céle-

bres, como a de Salamanca, onde o barroquismo da arquitectura dos Churrigueras vive e se anima com o comércio de lojas e restaurantes, ou a de São Marcos de Veneza, em cujas arcadas circula uma multidão jubilosa, atraída pelas modas, livrarias, obras de arte e a música dos cafés, confrange-nos ver as arcadas da Praça do Comércio excluídas do comércio cidadão, desaproveitadas como centro de reunião e passeio. E uma das mais belas praças do mundo transformada em praça de automóveis!

## Um Descante

Por Maria Pinto

Ó Maria do Rosário,  
já deixaste a mocidade;  
tua vida vai mudar,  
Deus te dê felicidade.

Já hoje foste à igreja,  
a vida vai ser mudada.  
Parabéns e boa sorte,  
que já és mulher casada.

Este teu fato de noiva  
brilha como a luz do dia;  
já hoje tens um marido,  
já tens outra companhia.

O teu marido adora-te,  
dentro do seu coração,  
mas só hoje é que lhe deste  
na igreja a tua mão.

Ó Maria, a tua mãe  
só essa rosa deitou;  
e por isso nunca esqueças  
tua mãe que te criou.

Tua tia, de tão longe,  
cá te veio acompanhar.  
A outra não pode vir,  
mas lá se fica a lembrar.

Parabens, José da Silva,  
já hoje chegou teu dia.  
Dentro do teu coração,  
ha uma grande alegria.

Tu já hoje tens mulher,  
vai mudar a tua vida;  
não te esqueças de estimar  
a tua mulher tão querida.

Tens uma casa bem linda.  
Saúde para a gosar!  
Pois ha já bastante tempo  
que andavas a namorar.

Deste a mão à tua amada,  
lá da igreja ao cimo;  
ninguém sabe o que ha-de vir,  
só Deus dará o destino.

Este dia dirá tudo,  
o destino está marcado;  
Deus te dê saúde e sorte  
que já és homem casado.

Ó José peço desculpa  
de te vir encomodar;  
é uso da nossa Terra  
vir o descante cantar.

São horas de recolher,  
venha lá uma pinguinha,  
se não ha bebida fina,  
venha mesmo água fresquinha.  
\*\*\*\*\*

### «Memória Histórica»

Pessoa da nossa amizade e muita consideração está interessada em possuir um exemplar da «Memória Histórica da Notável Vila de Nisa» da autoria do Doutor Motta e Moura. Em último caso, até um volume desirmanado que se refira às antigas famílias desta nobre Vila.

Se algum leitor quizer ter a bondade da respectiva cedência, a título remunerado, muito gratos ficariamos, além de se pagar.

O exemplar que possuímos, por razões compreensíveis de estimação, não o podemos ceder; mas o grande empenho de nosso prezado e ilustre Amigo, nisense da melhor categoria, merece ser satisfeito.

O jornal informa, com pormenores, e fica esperando... com esperança.



# 12 Notas sobre a Murmuração e a Calúnia

(Continuado da página 1)

2— Onde mérito aparece, longe não deve estar o murmurador. O murmurador é um parasita do mérito. A inveja não tolera o mérito — vinga-se dele, deitando-lhe baratas na sopa.

Verdade seja que, às vezes, o mérito não é tanto que não consinta umas mordiscaduras. E se o mordido praticar a auto-ironia, talvez diga, ainda por cima: soubesse o meu crítico de outras mazelas que por cá vão, e mais e pior teria que dizer...

Claro que, quando o mérito é real — real e não fictício — o caso muda de figura, e o murmurado tem razões de sobra para repetir Dante:

Lascia dir le genti:  
sta como torre, fermo, che non  
crolla  
giamai la cimma per soffiar di  
venti.  
« Deixa dizer o mundo: sê como  
torre,  
firme que não se vem abaixo ainda  
que o vento sopra.

3 — Ha murmuradores que só se desobrigam da sua função, na medida em que nisso têm reais interesses materiais.

Enfim: nesse caso, ha uma justificação. A murmuração, porém, tanto decaiu, que hoje até ha murmuradores gratis... Os primeiros não são bons. Resta saber se os segundos serão melhores. Venha o diabo e escolha!

Ha, porém, os murmuradores que só caem na má língua, quando se sabem retalhados pela língua dos outros. Não tomam a ofensiva, mas não se furta à defensiva.

São esses tais que dizem:  
— A minha língua é a guarda avançada da minha polícia.

4 — Geralmente os impostos são sempre mal recebidos, da parte de quem deve pagar, e, por isso mesmo, dão lugar a maledicência pela medida grande. A propósito se conta que, tendo Henrique IV sobrecarregado os seus súditos com um pesado tributo, deu isso motivo a que dele dissessem o que Mafona não disse do toucinho. A sagrada Magestade andou pelas ruas da amargura... Houve crime de lesa-magestade. O Rei teve conhecimento do caso, mas, longe de levar as coisas ao trágico, respondeu risinho e cínico:

— Deixai-os falar. O dinheirinho que eu lhes tiro do bolso, autoriza-os a falar nestes termos. Perdoai-me, Senhor, porque eles bem sabem o que dizem! Dizem mal de mim. Não me caluniam.

5 — Maledicência consentida a respeito de outrem é maledicência saboreada. Razão tinha, pois, o poeta alexandrino Calímaco (250 a. c.) ao ouvir a confissão de um amigo que lhe trazia más referências a respeito dos seus versos, feitos por alguém:

— Estou persuadido que ele tal não teria feito, se tu não tivesses gosto em lhas teres ouvido.

Caso para dizer-mos: tão ladrão é o que vai à horta, como o que fica à porta...

6 — Às vezes salvam-se certos murmuradores pela graça. Certo mestre — de nome Vives — andava, ao que constava (sempre o boa-

to...) de amores com a cantora Maria Santa Cruz, beleza de fazer parar o trânsito. E, vai daí, jogou-lhe esta:

Catalán, mal educado,  
de facções indigestas,  
parodia al Crucificado,  
por siempre derringado  
com la Santa Cruz a cuestras.

E logo outra:

Dime, Vives, en que embebes  
el dinero que recibes,  
porque vives como vives  
y no vives como debes...

E o murmurador — Salvador Maria Cranés — dizia que, se Vives houvesse de viver como devia, viveria como um príncipe russo!

7 — Os livros de Zoologia dão a lampreia como pertencendo ao grupo dos ciclóstomos, por terem boba redonda, com ventosa, mercê da qual aderem às vítimas e, depois, com a língua, munida de dentes córneos, vão cavando, cavando, até alcançarem um vaso sanguíneo, e, ó sangue, para que vos quero!

Isto não é a descrição da língua dos murmuradores e caluniadores de carreira.

Mas a língua deles — hemos de convir — participa muito da do vampirizante ciclóstomo...

O murmurador e o caluniador, quando não são lampreias, são camaleões de língua disparada, com pontaria certa, à vítima. Zit! Papo!

8 — A vida de sociedade precisa da murmuração — sem o que lhe faltaria tema de conversa, e para os mundanos conversar ou não conversar é que é problema. E o que lhes interessa é fundamentalmente que a conversa tenha pilhas de graça... À custa da verdade? Eles não curam dessa coisa mínima. Não é ainda tanto por malícia que murmuram, mas por vaidade e partes adjacentes. Desde que o mundo é mundo, e enquanto o mundo dos homens não fôr reduzido a pó, a cinza e nada, a murmuração, como a Revolução continuará. Está aí para lavar e durar.

Hanotiaux dizia: « Se toda a gente soubesse o que toda a gente diz de toda a gente, ninguém murmuraria de ninguém ».

Mas, como esse « se »... não se verifica... , teremos aí murmuração até ao findar dos séculos...

9 — Quando a murmuração vai contra os nossos ridículos — e quem ha aí que os não tenha! — não vale a pena tomarmos a coisa ao trágico. O que importa é tudo fazermos para os evitarmos, se de facto eles diminuem a nossa dignidade. Sim, porque, se a não diminuem, e correspondem apenas a um desacordo com certa moda que vai passando, manter os tais ridículos deverá ser ponto de honra. Transigir, então, com os murmuradores seria prestar-lhes uma atenção que eles não merecem.

Quem vive no mundo — ainda que aí tome atitudes de santo — nem assim escapa à murmuração. Mas logo o santo deixaria de ser quem é, se desse ressonância à voz dos murmuradores que, como as dos burros, não têm acústica no céu...

Querer acabar com os murmuradores no mundo seria proeza igual a se beber o Pacífico de um trago. Mesmo na cova, estamos em

que continuarão a murmurar... Os próprios vermes se arrequearão da língua deles...

10 — Quem murmurava dos outros não cole os ouvidos às paredes — para não ter de ouvir que também dele murmuram. Murmúrios cá os pomos a correr, cá os pagamos. Pena de Talião!

O murmurador é olhos de liuce para os argueiros no olho do vizinho. Não vê as trancas nos próprios. Se prestasse um pouco mais de atenção a si mesmo, não teria tempo de a prestar aos outros. E, afinal, tem cada um de nós tantos motivos para autocritica!

11 — A calúnia tem tantas cabeças que cortá-las, quando mal alguma delas se mova, pouco adianta. Renascem dos próprios cortes, aparentadas com a fénix da lenda, que renascia das próprias cinzas. Desde que o homem veio ao mundo, mais não tem feito que limpar-se de calúnias, mas o certo certinho é que continua hoje tão sujo delas, como sempre. Quem as põe a correr sabe que delas sempre alguma coisa fica.

Caluniai, caluniai, que da calúnia sempre alguma coisa fica — tal a recomendação atribuída levemente ao Basílio do Barbeiro de Sevilha de Beaumarchais, mas que, de facto, não figura na sua tirada célebre.

E quanto mais incrível fôr a calúnia — passe o paradoxo — mais o público maldoso a acreditará:

Plus une calomnie est difficile à croire  
Plus pour la retenir les sots ont de mémoires.

Um idiota encontra sempre outro idiota ainda maior para lhe dar crédito. E geralmente a calúnia não procura os pequenos para alvo. São precisamente os grandes varões os alvejados pelas setas ervadas da calúnia. Está ainda por encontrar aquele dos grandes homens que tenha passado desta vida à outra sem o contrapeso de alguma calúnia alimentada pela inveja. E, para mal deles, se é um que a propaga, são milhares que a aceitam e a transmitem, revista, corrigida e aumentada... Uma sátira (com algumas verdades) talvez não seja acreditada. Uma calúnia — que o seja de cabo a rabo — tem sempre indiscutível aceitação. « É uma escritura ».

A calúnia saída da boca do caluniador não tem mais reparação possível. Ainda que o caluniador quizesse dar o dito por não dito — ninguém lhe aceitaria o acto de contrição.

Remédio contra a calúnia: deixar que ela caia por si; resistir-lhe é quase que dar-lhe razão. O tempo é « galant'uomo » e ele se encarregará de trazer as coisas ao seu lugar.

12 — A melhor maneira de evitarmos que de nós murmurem está em levarmos vida impecável. Perante um padrão de vida desse tipo, é forçoso que todas as calúnias morram no caminho. Assim o dava a entender Platão, quando, estando em Agrigento, famosa cidade da costa da Sicília, dizia, das vaidades dos agrigentinos:

Constroem casas como se houvessem de viver eternamente, e

## EDITAL

ANICETO DOS SANTOS DUARTE, Engenheiro Chefe da Sétima Circunscrição Industrial.

Faz saber que JOÃO MOURATO VENTURA & FILHOS, pretende licença para instalar uma oficina de serração e trabalho mecânico de madeiras, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, na E. N. n.º 18, ao Km 152, 200 / 300, em Nisa, freguesia e concelho de Nisa, distrito de Portalegre, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com propriedade do requerente.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de trinta dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 5 799, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Castelo Branco, Avenida 28 de Maio, n.º 99-1.º-Dt.º.

Castelo Branco e Secretaria da 7.ª Circunscrição Industrial, em 10 de Setembro de 1965.

O Eng. Chefe da Circunscrição,  
a) Aniceto dos Santos Duarte

## Visita Ministerial

A tratar de estudos de grande interesse para o Distrito, esteve recentemente em Portalegre o Sr. Ministro das Obras Públicas, que ali, com o seu costumado interesse e alta competência, se entregou à solução de valorosos problemas.

## EDITAL

ANICETO DOS SANTOS DUARTE, Engenheiro Chefe da Sétima Circunscrição Industrial.

Faz saber que JOSÉ CORREIA FELÍCIO, pretende licença para instalar uma oficina de carpintaria mecânica, incluída na 2.ª classe, com os inconvenientes de barulho e perigo de incêndio, localizada num quintal do próprio, no Largo Dr. Telo Gonçalves, freguesia de Tolosa, concelho de Nisa, distrito de Portalegre, confrontando ao norte com António Pires de Almeida Banha, Joaquim Emilio Banha e Francisco Pedro da Luz, ao sul com a casa Gouveia Hortas, ao nascente com António Pedro Rijo e ao poente com rua pública.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incômodas, Perigosas ou Tóxicas, e dentro do prazo de trinta dias, a contar da data da publicação e afixação deste edital, podem as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo n.º 5 817, nesta Circunscrição Industrial, com sede em Castelo Branco, Avenida 28 de Maio, n.º 99-1.º-Dt.º.

Castelo Branco e Secretaria da 7.ª Circunscrição Industrial, em 10 de Setembro de 1965.

O Eng. Chefe da Circunscrição,  
a) Aniceto dos Santos Duarte

manducam como se o dia de hoje fosse o último da sua existência.

Os agrigentinos não gostaram do comentário do filósofo, e daí ter-lhe dito alguém:

— Toda a gente murmura de ti.  
— É deixá-los. A minha maneira de viver os levará a mudar de opinião.

CRUZ MALPIQUE

# Na Senda da Victória

(Continuado da página 1)



onde se declarou que nunca tinham visto « coisa tão bela e tão ordenada ». Muitas pessoas de Nisa os acompanharam e ali também tomaram parte num opíparo jantar oferecido aos Artistas. O Sr. Rodrigues Correia improvisou uma breve exposição de trabalhos, em que figuravam « alinhavados », mantas bordadas, rendas de « rebolo ». São obras de garotas nisesenses dos quatro aos dezasseis anos. Tudo foi muito apreciado, chegando-se a oferecer mil e quinhentos escudos por uma das peças. Quanto à actualização, foi de tal forma que ficaram logo previstos contratos para várias localidades. No final, foi-lhes oferecido « uma sardinha assada » em casa da família do Doutor Bis-saia Barreto. Enfim, um verdadeiro delírio, um desempenho esplêndido e uma recepção magnífica, como é tradicional na boa gente de Castanheira de Pera.

Depois, Campo Maior. Sob o docel surpreendente das ornamentações, acompanhados pela Banda de Nisa, que os foi esperar, percorreram as ruas, ao som harmonioso de uma marcha de saudação ao povo daquela Vila, com letra do Sr. Dr. Gomes Correia. Tiraram-se muitas fotografias aos Ranchos, e alguns dos visitantes estrangeiros usaram as suas máquinas de filmar. Antes da exibição, dançaram em frente da residência do Sr. Doutor Zagalo, pessoa de vasta cultura artística, que os obsequiou com bolos e vinho do Porto, apreciando muitíssimo os trajos de todos os componentes. Quanto ao desempenho, foi admirável e provocou um delírio de aplausos. A certa altura, o Presidente da Comissão das Festas exclama: « Basta, a maravilha está provada »! O Sr. Correia respondeu: « Continua, senhores, o Rancho não cansa; está tão fresco, como fresca é a água nas cantarinhas de Nisa ». Um dilúvio de palmas coroou estas palavras bem felizes e oportunas.

Na Aldeia da Mata, a voz do povo dizia: « é o melhor Rancho e o mais disciplinado ».

Na Amieira do Tejo, mais outra grande vitória. No Castelo de Mação, receberam maiores aplausos que em qualquer outra parte. Ali foram oferecidas aos Ranchos duas fitas para os respectivos estandartes, com o dístico: « Um obrigado do Povo do Castelo ».

No último domingo, estiveram na Póvoa e Meadas, onde actuaram com o Rancho local. Ambos se celebrizaram.

Agora, têm em vista Mértola e Portalegre. Depois, pensam ir a Lisboa, se conseguirem auxílio para a avultada despeza com o transporte.

Isto conforta, isto dignifica Nisa, isto merece protecção.

Vamos auxiliar os Ranchos!

A fechar: O Sr. Luis Belo ofereceu duzentos escudos para a ida à Capital; o Sr. Joaquim Semedo Patrício entregou para o mesmo fim, vinte escudos. Continuem; o exemplo está dado.